

O GÊNERO DISCURSIVO TIRA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

ALINE SEGATE (UFU)¹

RESUMO: Este artigo objetiva perceber como implícitos em geral (pressupostos e subentendidos), são usados para a argumentação em tiras em quadrinhos, uma vez que acreditamos que os textos argumentam tanto explicitamente quanto implicitamente, e esses argumentos norteiam os enunciados que elaboramos com o intuito de levar o nosso interlocutor a tomar determinadas conclusões. Para cumprirmos essa meta, analisamos oito tiras em quadrinhos retiradas do livro didático de Língua Portuguesa *Cereja e Magalhães*. Apoiamo-nos, também, em alguns teóricos que abordam o tema, como Arruda-Fernandes (1997), Ducrot (1981; 1987), Koch (1984), dentre outros. Percebemos ao longo deste estudo, por meio das análises feitas, que há maior incidência do subentendido ao pressuposto nas tiras, o que nos faz pensar que esta seja uma tendência ou características delas. Logo, a argumentação por meio do subentendido nas tiras em quadrinhos se apóia no contexto e na situação para ser compreendido, não se atém apenas à estrutura linguística, cabe, então, ao interlocutor descobrir a intenção que o locutor pretende impor com sua fala.
Palavras-chave: Argumentação, Tiras em quadrinhos, Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This article aims to notice how implicit in general (presupposition and implied) are used to articulate comic strips, since we believe the texts organize explicit and implicit ideas, and these ideas guide the sentences we create to make people take certain decisions. To fulfill this objective, we analyzed eight comic strips taken from the Portuguese didactic book *Cereja e Magalhães*. We read, also, some authors that study the theme, like Arruda-Fernandes (1997), Ducrot (1981; 1987), Koch (1984), amongst others. We noticed along this study, through analysis, that the implied happen more often in the comic strips, what make us think that this is kind of a tendency in the comic strips. So, the argumentation through implied in the comic strips relies in the context and in the situation to be understood, it is not attached only to the linguistic structure. It is up to the listener to find out the intention that the speaker is trying to show on his/her talk.
Key-words: Argumentation, comic strips, Portuguese.

I- Introdução

Um dos mais importantes objetivos do ensino da Língua Portuguesa é o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos (HYMES, 1974; HALLIDAY et al., 1974 e TRAVAGLIA, 2003). O professor deve ser um facilitador nesse processo de ensino e aprendizagem que envolve, sem dúvida, o trabalho com a leitura e a produção textual, para que o aluno compreenda a questão de como a argumentação acontece. Logo, é necessário que o professor trabalhe com diversos textos em sala de aula, para que o aluno perceba que os textos argumentam tanto explicitamente quanto implicitamente, e esses argumentos, geralmente, são indispensáveis para o entendimento global do texto.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é perceber como implícitos em geral (pressupostos e subentendidos), são usados para a argumentação em tiras em quadrinhos. Para cumprirmos essa meta, apoiamo-nos em alguns teóricos que abordam o tema, como Arruda-Fernandes (1997), Ducrot (1981; 1987), Koch (1984), dentre outros.

O *corpus* utilizado para o desenvolvimento deste artigo é constituído de oito tiras retiradas do livro didático *Cereja e Magalhães* (2006) do ensino fundamental, mais especificamente do 6º ano. A escolha das tiras para análise foi feita de forma aleatória, com o objetivo de não influenciarmos os resultados da pesquisa. Optamos pelas tiras de livro didático, pois esse, como sabemos, é um material muito utilizado pelos professores, além de ser um instrumento, frequentemente, tido como direcionador do trabalho do professor.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia /UFU-PPGEL. alinesegate@yahoo.com.br.

A escolha pelo gênero tira se justifica por acreditarmos que as tiras atingem uma grande parcela da população, principalmente, as crianças e jovens, por elas serem veiculadas em jornais, revistas, livros, dentre outros. Além disso, as temáticas das tiras são variadas; caracterizam-se pela linguagem não verbal, ou seja, pelos desenhos e pelas representações gráficas. Devido a essa variedade e por não serem muito extensas é que se tornam uma interessante e rica alternativa didática para o ensino/aprendizado de aspectos implícitos nas aulas de Língua Portuguesa, visto que elas têm uma dimensão argumentativa. Entretanto,

A inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos – muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras -, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar. (RAMA E VERGUEIRO, 2004, p.20).

Devido a essa representatividade ou até mesmo seu desenvolvimento humano e educativo, como afirmam Rama e Vergueiro (2004), as tiras em quadrinhos chegaram, enfim, ao processo de ensino-aprendizagem. Com isso, os educadores, de uma forma geral, puderam utilizá-las como ferramenta de trabalho, uma vez que elas são um dos gêneros aceitos pelos adolescentes que podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e autonomia dos alunos.

Além disso, as tiras em quadrinhos são produzidas a partir da junção do gênero oral espontâneo com a escrita. Nessa junção há a presença de elementos visuais e verbais (MENDONÇA, 2005). Dessa forma, o uso das tiras em sala de aula se transforma em um recurso didático-pedagógico complementar, pois aumenta a motivação, a curiosidade e o desafio dos alunos no sentido de serem “críticos” em vários aspectos ligados ao seu cotidiano.

Conscientes dos diversos aspectos argumentativos que existem, ressaltamos que o que apresentamos neste estudo, são apenas algumas considerações que podem nos permitir verificar e discutir como os implícitos aparecem na argumentação em algumas tiras em quadrinhos retiradas do livro didático *Cereja e Magalhães (2006)*.

Este texto, então, está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos a Fundamentação Teórica, espaço destinado à discussão da Semântica Argumentativa, principal base teórica. A segunda parte é destinada à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. É o momento em que tentamos fazer o inter-relacionamento entre a teoria usada e a análise dos dados coletados. Por último, apresentamos as Considerações Finais, espaço onde explicitamos o nosso parecer de acordo com a análise feita.

II- Fundamentação Teórica

Quando nos comunicamos por meio da linguagem verbal, temos alguma intenção, estabelecer uma relação, causar efeitos, desencadear determinados comportamentos no(s) ouvinte(s), enfim, pretendemos fazer com que esse ouvinte(s) reaja(m) de determinada maneira, seja verbalmente ou não. Diante disso, dizemos que a linguagem é essencialmente argumentativa, uma vez que se buscamos nortear os enunciados que elaboramos com o objetivo de levar o nosso interlocutor a tomar determinadas conclusões, então, os nossos enunciados são dotados de força argumentativa (KOCH, 1992).

Se a argumentação está inscrita na própria língua, conforme defende Ducrot (1981), pensamos que o professor deve priorizar um ensino que leve em conta os aspectos argumentativos presentes nos diversos textos, uma vez que, assim, permitirá ao aluno articular os conhecimentos prévios às informações textuais, bem como as que dependem de pressuposições e inferências (semânticas e/ou pragmáticas) presentes no texto; isso permite dar conta de ambiguidades, ironias, expressões figuradas, opiniões e valores implícitos, fenômenos que denotam as intenções do autor.

Logo, todo texto pode “dizer muito” sem estar, necessariamente, explicitado linguisticamente. Por isso, cabe ao receptor do texto detectar as informações que não estão explicitamente veiculadas, e que estão presentes no texto sob aspectos subentendidos ou pressupostos, ou seja, presentes de forma implícita.

A **pressuposição**² é uma maneira de dizer implicitamente alguma coisa que, uma vez sendo proferida pelo enunciador, não pode mais ser negada, já que está inscrita na própria estrutura linguística. Diante disso, ao utilizar a linguagem nas diversas situações comunicativas, geralmente, o sentido³ já vem implícito na forma de expressão. Por exemplo: se digo *ele deixou de fumar*, isso significa dizer que ele fumava antes e que já não fuma mais. Por isso, é importante observar que os pressupostos de uma sentença não são negáveis, mesmo quando colocados na negativa. Exemplo: *Mário não trabalha mais* – Pressuposto: *Mário trabalhava*. Assim, os pressupostos são de suma importância no processo de interpretação e compreensão dos textos.

Por outro lado, o **subentendido**⁴, denominado também como um tipo de implícito, se apóia no contexto e na situação para ser compreendido, não se atém apenas à estrutura linguística, cabe ao outro descobrir a intenção que o enunciador pretende impor com sua fala. Se pergunto a alguém, *você vai à igreja?* E o outro responde *tenho que trabalhar*. Nesta situação, o indivíduo não respondeu a pergunta feita, mas por meio do contexto e da situação comunicativa, é possível entender que o sujeito não irá à igreja, pois subentende-se que ele tem que trabalhar, o que torna a fala um indício para a conclusão. Logo, o subentendido pode ser negado ou ignorado, já o pressuposto não.

Se a pressuposição não admite negação ou contestação de verdade, ela é tida como verdadeira, então, o locutor leva o interlocutor a aceitar um valor de argumentação, isto é, “obriga-o” a aceitar. Ao ter uma intenção, o locutor direciona seu discurso transformando o seu interlocutor em cúmplice da argumentação. Não obstante, se o interlocutor não aceita e discorda de tal pressuposição, certamente, o discurso será norteadado por outro caminho, o debate polêmico (FERNANDES, 1997).

Segundo Koch (1992), a pressuposição aparece nos textos por meio de pistas textuais materializadas. Essas pistas fazem com que o texto seja menos extenso, pois permite que a comunicação ocorra sem prejuízos, mesmo quando são utilizadas poucas palavras, uma vez que elas darão subsídios para que o interlocutor do texto faça pressuposições e decodifique as expressões ou palavras que são importantes durante o processo de compreensão do texto. Essas pistas são: o uso de orações adjetivas; alguns advérbios; as conjunções subordinadas temporais ou concessivas; alguns verbos em construções subordinadas substantivas; as partículas de realce, dentre outras.

Se há pistas textuais que nos auxiliam na busca da pressuposição, em contrapartida, no subentendido elas não são encontradas, uma vez que para interpretar o subentendido, o interlocutor precisa do contexto e da situação comunicativa, já que muitas vezes, o locutor se “isenta” da responsabilidade de dizer alguma coisa, por isso, geralmente, ele se “esconde” por detrás das palavras, isso funciona como um escudo de proteção, caso o interlocutor não concorde e refute a idéia do locutor.

Diante disso, acreditamos que a pressuposição e o subentendido são mecanismos argumentativos importantes a serem trabalhados no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa, já que oportunizam ao aluno perceber dados implícitos constituintes do sentido presentes nos textos por meio da decodificação de elementos do sistema linguístico, ou seja, o aluno consegue compreender melhor as informações contidas no próprio texto.

Antes de considerarmos as tiras selecionadas para este estudo, lembramos que nossa pretensão com este trabalho não é a de abarcar todos os aspectos argumentativos nelas presentes, tendo em vista a multiplicidade dos aspectos existentes. Por isso, sabemos que não esgotaremos todas as possibilidades de análise oferecidas pelo gênero em questão.

² A **pressuposição** é parte integrante do sentido dos enunciados (DUCROT, p.39, 1987).

³ **Sentido** aqui é entendido como a maneira pela qual o enunciador apresenta o seu ato de enunciação, ou seja, a intenção que o enunciador deseja impor ao destinatário pela sua tomada de palavra.

⁴ O **subentendido** diz respeito à maneira como este sentido deve ser decifrado pelo destinatário (DUCROT, p.39, 1987).

III - Apresentação e discussão das tiras

Tira 01:



Na tira acima, há um diálogo entre dois personagens, Luke e um amigo (Tantra). O amigo pergunta a Luke se ele irá a festa do orelha, mas ele utiliza-se do argumento de que está passando mau, por isso não irá. Não obstante, Tantra afirma que a festa não será realizada naquele dia, somente no próximo dia, e Luke diz: *vou estar mil vezes pior*. Esta fala de Luke permite-nos entender que ele não quer participar da festa de maneira alguma. A tira, então, veicula uma idéia expressa de forma não explícita; mas que o leitor pode inferir por meio da seguinte expressão: *vou estar mil vezes pior!* Essa expressão expõe um valor de verdade, tornando-se um argumento, pois impõe um ponto de vista.

Além disso, ao dizer: *vou estar mil vezes pior!*, somando essa expressão a toda organização textual que compõe a tira, o leitor ativa o conhecimento prévio, inferindo que Luke não quer ir à festa do Orelha. E subentende que o motivo de ele não querer ir à festa é que ele não gosta da personagem orelha. O subentendido é construído, para que o produtor, caso seja interpelado, possa, apegando-se ao sentido literal das palavras, negar que tenha dito o que efetivamente quis dizer, que Luke não gosta da personagem Orelha (KOCH, 1992).

A dimensão argumentativa do subentendido na tira acima tem o objetivo de levar o interlocutor à conclusão de que o ser humano é capaz de utilizar diversas estratégias (mentiras, desculpas etc.) para não encontrar determinadas pessoas e/ou não participar de determinados encontros indesejados. Na tira, Lucke faz isso com grande maestria, quando utiliza o argumento de que estava doente para não ir à festa da personagem Orelha.

É importante notar, ainda, como a exploração visual da imagem das personagens colabora para essa compreensão e/ou análise, uma vez que as expressões faciais e corporais mudam no decorrer do diálogo, reafirmando assim, o desânimo e o descontentamento de Luke em participar da festa da personagem Orelha.

Na tira, parte da construção do entendimento é feita no texto, de forma explícita, graças às imagens e às falas. Entretanto, há uma parte que está implícita (subentendido: Lucke não gosta da personagem Orelha), e que somente ao fazer uso de conhecimentos previamente estabelecidos sobre o contexto em que estão inseridas as personagens, é que se torna possível o entendimento do humor da tira, pois é o implícito que vai levar o leitor a refletir sobre essa situação de humor que a tira cria, além de fazê-lo compreender a essência do que é de fato dito, ou seja, explícito na tira.

Tira 02:



(Laerte. *Suriá, a garota do circo*. São Paulo: Devir, 2000. p. 47.)

Para interpretar corretamente a tira acima, é necessário que façamos, primeiramente, uma articulação entre conhecimentos prévios e informações textuais, para que compreendamos a situação presente. A compreensão é uma atividade interativa que se baseia nos elementos linguísticos textuais e na mobilização de um vasto conjunto de saberes (KOCH, 1992).

Nesta tira, a garota apresenta o namorado “Marcelo” ao tio “Flip”, e ele diz que o namorado da garota parece ser *meio bocó*, o que demonstra um pré-julgamento feito apenas pela aparência do garoto. Não satisfeito, o tio pergunta a garota se *pelo menos* (operador argumentativo utilizado para assinalar o argumento mais forte para uma conclusão) o garoto é rico. Com esta pergunta, subentende-se o quanto o tio é interesseiro, não se importando com as qualidades e o sentimento de “Marcelo”, e sim, com seu poder aquisitivo. Esta cena retrata o comportamento de algumas famílias, quando os pais só permitem que os filhos namorem caso consigam um “bom partido”.

Se o namorado da garota não tem dinheiro, então, o tio pressupõe que ele deve ter algo de especial, afinal, a garota se interessou por ele. É quando a sobrinha toda feliz, pede ao namorado para mostrar ao tio uma qualidade, o seu grito.

Nesta tira, há um envolvimento do locutor para com o contexto da sua produção, porque atua sobre categorias opinativas e reflexivas, cujo espaço de constituição reside na persuasão e no convencimento de que o garoto tem algo especial. A identificação da argumentatividade como característica essencial da interação social (KOCH, 2002) supõe, portanto, o uso da língua a partir da seleção, organização e mobilização de estratégias que cumpram esta perspectiva. Diante disso, a dimensão argumentativa do subentendido é a de levar o interlocutor a aceitar a idéia de que todos têm alguma coisa de especial para oferecer a alguém, mesmo que seja apenas um grito, não é somente o dinheiro que nos torna pessoas importantes.

É importante atentarmos ainda, para os aspectos não verbais da tira, uma vez que eles demonstram o estrago causado pelo grito do garoto, o tio caído no chão e o aquário quebrado devido à altura do grito. O autor utiliza um quadrinho (quadrinho 04) para destacar o aumento do tom de voz do garoto. Há então, uma diversidade multimodal, que tem implicação direta na tira, já que ela utiliza-se de múltiplas linguagens, no caso, a imagem e a escrita, para se constituir (MENDONÇA, 2005).

Tira 03:



(Quino. Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1998. v. 2, p, 94-5).

Na tira acima, quando a personagem diz: *Hoje é o meu último dia de praia, Miguelito*, pressupõe que a garota, ultimamente, frequentava a praia, local onde conheceu seu novo amigo Miguelito, no entanto, aquele seria seu último dia de praia, uma vez que retornaria para sua casa. O pressuposto na tira é utilizado como um recurso argumentativo, porque quando o locutor introduz no discurso que aquele seria o último dia de praia de Mafalda, o interlocutor torna-se cúmplice de um ponto de vista, uma vez que o pressuposto não é posto em discussão, mas apresentado como uma verdade inquestionável, ou seja, aquele seria, realmente, o último dia de praia de Mafalda. Dessa forma, a dimensão argumentativa da pressuposição nesta tira, objetiva aprisionar o leitor em uma pressuposição criada pelo produtor da tira, uma vez que o pressuposto é imposto como verdadeiro e indiscutível (KOCH, 2002).

Na interação entre as duas personagens, focalizam-se duas crianças, que, provavelmente, têm a mesma faixa etária, podendo ser observado pela fisionomia e estatura. Mafalda conversa com Miguelito, dizendo que aquele seria o último dia de praia, porém, o que a consolaria seria a presença do amigo devido ao fato de eles morarem próximos. Miguelito fica todo entusiasmado, se achando super importante até que a garota diz que iria apresentá-lo aos seus outros amigos. O garoto fica espantado, esbugalha os olhos, pensa: *o quê?! Ela tem amigos!*. Ao fazer isso, a personagem Miguelito antecipa uma avaliação que nega a possibilidade de Mafalda ter muitos amigos. Não obstante, essa negação ocorre devido ao fato de Miguelito pensar ser o único amigo da garota.

O artigo definido *o*, nessa situação, dá a entender que Miguelito pensa ser o único amigo de verdade, um amigo especial, já o artigo *um* dá a entender que ele é um entre vários amigos de Mafalda. Percebemos que nesta tira, há uma valorização do papel da escolha de elementos gramaticais, no caso, artigo definido e indefinido, para causar determinados efeitos de sentido.

O humor nesta tira vem do fato de o autor construí-la associando amizade/namoro. O comportamento de Miguelito chama a atenção pelo fato de ser incoerente com o papel de amigo. Em nossa cultura, ter muitos amigos não é problema.

Além disso, o humor discursivo da tira ativa o processo inferencial do leitor, no que diz respeito ao carinho especial que Miguelito sente pela garota. Somando imagem texto, cabe ao leitor subentender isto da fala da personagem Miguelito *você é igual às outras!* Os subentendidos são marcas enunciativo-discursivas que se referem, especificamente, ao interlocutor e à cena discursiva (DUCROT, 1987).

A tira ilustra bem o subentendido, já que o implícito é inferido no ato da situação. O contexto da frase nos leva a ativação de pistas que nos permitem entender que o garoto ficou triste, porque pensou que fosse especial para a menina. Quando ele diz que ela é igual às outras meninas, ele quer dizer que geralmente as meninas têm vários amigos e não são fiéis a uma única amizade, o que é mais coerente em se tratando de relações amorosas, namoro, por exemplo. Então, a dimensão argumentativa do subentendido nesta tira, quer levar o interlocutor à adesão da idéia de que Miguelito estava apaixonado por Mafalda, pois todos os argumentos e atitudes apresentados na tira denotam o grande “interesse” de Miguelito pela personagem.

Dessa forma, a sutileza inferencial, segundo Koch (1992) requer que o leitor perceba as marcas pontuadas, tanto no que se refere ao aspecto verbal quanto no aspecto não verbal. A produção do implícito, no que se refere ao subentendido, ativa o *ethos* do homem viril, isto é, a designação de costumes e das referências morais, afetivas, comportamentais e intelectuais de uma pessoa ou da sociedade em geral. Por isso, o garoto diz que a garota é igual às outras, isto é, foge ao comportamento esperado por ele, o de ser correspondido.

Tira 04:



(Folha de S. Paulo, 20/9/2003. Folhinha.)

Nesta tira, uma garota vai até o armário da mãe, sobe em um banquinho, devido à altura em que os produtos estão armazenados, e vê a quantidade de produtos que a mãe tem para manter a beleza, creme facial oxigenador, rejuvenescedor para os olhos, creme para o cabelo, creme anti-celulite, máscara esfoliante, tônico adstringente para a pele, loção anti-rugas, fluido para o corpo com vitamina c, creme anti-sinais, etc.

A garota fica perplexa com tantos produtos para manter a beleza e, então, senta-se no sofá de sua casa toda triste. A mãe pergunta à filha o porquê de tanto desânimo, e ela responde que não quer crescer. A menina infere que a velhice é péssima, uma vez que traz rugas, celulite, queda de cabelo, dentre outros problemas desagradáveis, os quais requerem o uso de muitos produtos de beleza para amenizá-los.

Na tira, um texto se cruza com outro, implícita ou explicitamente, e o contexto sócio-cognitivo do leitor é acionado para o confronto entre a personagem e a história. Revela-se aqui a intertextualidade, que aparece para apontar, caracterizar melhor a situação apresentada. O intertexto é proveniente da história de Peter Pan, a história fala justamente sobre a questão do crescimento, como acontece também na tira: a garota não quer crescer, pois subentende que a vida adulta requer muitos cuidados e responsabilidades, inclusive com a beleza.

Logo, essa tira evidencia a importância dos conhecimentos prévios do leitor e sua capacidade de perceber o subentendido de que a vida adulta requer muitos cuidados e responsabilidades. Assim, a dimensão argumentativa do subentendido utilizado na construção da tira pelo locutor, objetiva levar o interlocutor a perceber que atualmente, principalmente as mulheres, se preocupam demasiadamente com a beleza por utilizarem diversos produtos para mantê-la, isso demonstra a preocupação excessiva com a beleza e denuncia a vaidade e o consumismo exacerbado desses produtos pela maioria das pessoas.

Tira 05:



BROWNE, Dik. Hagar. In: *Folha de S. Paulo*, 29 mar. 2002, p. E7.
© King Features/Intercontinental Press.

Para entendermos essa tira, primeiramente, temos que entender o perfil psicológico das personagens e do contexto em que atuam. Devido às expressões corporais e faciais (mão na cintura, rosto carrancudo) a personagem Helga aparenta ser uma esposa autoritária, que impõe limites, manda e controla as aventuras e os devaneios do marido Hagar, personagem aparentemente desorganizado, preguiçoso e relapso.

Na tira, ao ser chamado para levantar-se, Hagar simplesmente responde que irá dormir mais um pouco, demonstrando a sua preguiça e o seu comportamento irresponsável quanto às responsabilidades do dia-a-dia, deixando-as a cargo da esposa.

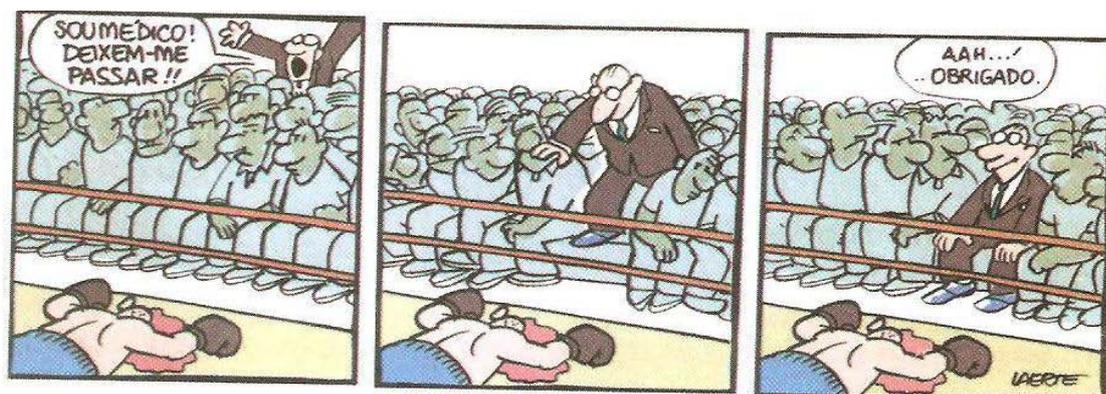
Além disso, os recursos não verbais, percebidos por meio do posicionamento de Hagar no chão, quando a esposa “vira” a cama, e a expressão facial “carrancuda” de Helga, demonstram a impaciência da esposa em relação à atitude descompromissada do marido. Compõe com o texto verbal *nunca vi ninguém tão ansioso pra fazer a cama* uma verdadeira ironia, figura que leva o interlocutor a entender o contrário do que se diz, e isso é percebido quando Hagar, ironicamente, diz a frase acima, o que significa que ele sabe que a mulher não está ansiosa para fazer a cama, mas quer acabar com sua folga.

Por meio da tira subentende-se que Hagar é uma personagem que não gosta de compartilhar as atividades do lar com a esposa e “foge” de suas responsabilidades de chefe do lar, deixando tudo a cargo da esposa. Assim, ela assume a função de antagonista do marido, uma vez que faz cobranças que ele certamente não cumprirá.

A dimensão argumentativa do implícito na tira, então, objetiva que o interlocutor reflita sobre o papel homem/mulher na sociedade. O comportamento masculino de Hagar “foge” do esperado por nossa cultura, em que o homem trabalha, paga as contas e é o chefe do lar. Diante disso, a construção do implícito na tira tem a função de mostrar a mudança que vem ocorrendo nos “papéis” homem/mulher na sociedade capitalista em que vivemos.

Além disso, o modo como Hagar diz: *nunca vi ninguém tão ansioso pra fazer a cama* estabelece no enunciado condições particulares da situação comunicativa. O uso desse enunciado demonstra implicitamente que o sentido literal “nada” tem a ver com o sentido que está sendo atribuído ao seu pensamento. Dessa forma, o implícito é que vai levar o leitor a refletir sobre a situação de humor que a tira cria, por meio de um conhecimento prévio sobre o perfil das personagens e do contexto em que atuam, então, são as características das personagens que surtem o efeito cômico nessa tira (KOCH, 1992).

Tira 06:



(Classificados. São Paulo: Devir, 2002. v. 2, capa.)

A situação retratada na tira acima é um exemplo de como os interlocutores, quando interagem pela linguagem, têm intenções comunicativas bem definidas (DUCROT, 1987). O público, considerando a situação - o ferimento do lutador durante a luta - entendeu que a intenção do locutor, ao se dizer médico, era auxiliar o ferido, o que, de fato, não ocorre, pois a verdadeira finalidade da fala do médico era apenas abrir espaço na multidão e conseguir um assento mais próximo do ringue.

Diante disso, na tira não é necessário apenas entender o que é dito, mas também perceber a intenção de quem fala, notando o que está implícito no que é dito ou na situação de comunicação. O subentendido da tira em questão revela o quanto o ser humano utiliza estratégias para realizar seus objetivos e desejos, não se importando em ajudar o próximo. Ela denuncia o egoísmo do ser humano, por meio da personagem do médico, o qual se utiliza do status de sua profissão para ganhar vantagem em adquirir um lugar com vista privilegiada para assistir a luta, e não se preocupa em ajudar o lutador. Então, a dimensão argumentativa do subentendido nesta tira quer levar o interlocutor a uma conclusão, a quanto o ser humano, às vezes, é egoísta e mesquinho, se preocupando apenas com seus interesses pessoais.

Tira 07:



(Folha de S. Paulo, 20/6/2005.)

O subentendido, na tira acima, está implícito na última fala de Jota: *A moral e os bons costumes*, Silveira, pois a personagem Silveira não empregou adequadamente a palavra moral, uma vez que ele se refere ao estado de espírito da equipe, então, ele deveria ter empregado o moral, isso só pode ser compreendido por meio de inferências linguísticas que o leitor terá que fazer.

Diante disso, a personagem Jota, a qual fala no último quadrinho percebeu o erro do colega, o emprego da forma feminina no lugar da masculina. Então, a dimensão argumentativa do subentendido na tira é construída com intuito de alertar o interlocutor quanto à conveniência de usar adequadamente as palavras da Língua Portuguesa.

Tira 08:



Na tira acima, Mafalda está presente em uma sala de aula e conjuga o verbo *confiar* no presente do indicativo para a professora, que a escuta atenciosamente. Porém, na última fala de Mafalda, ela deixa de se preocupar com a conjugação do verbo *confiar* e faz um comentário crítico baseado no significado dele. Com a expressão dita por Mafalda *Que bando de ingênuos, não é?* o interlocutor subentende por meio de inferências que a personagem, apesar de criança, sabe que as pessoas não são “totalmente” confiáveis, o que demonstra a esperteza e a perspicácia da personagem.

Diante disso, o locutor norteia os enunciados da tira, com o objetivo de levar o interlocutor a chegar a uma determinada conclusão, a de que vivemos em uma sociedade em que as pessoas não são confiáveis, geralmente, não podemos confiar nos seres humanos. Esse argumento é, ainda, reforçado pelo fato de ser dito por uma criança, ser humano tido como inocente e puro.

IV- Considerações finais

Ao tentarmos identificar os implícitos (pressupostos e subentendidos) predominantes nas tiras em quadrinhos, deparamo-nos com a impossibilidade de grandes generalizações, tendo em vista nosso *corpus*, relativamente reduzido. Não obstante, podemos proceder a algumas considerações.

Observamos que nas tiras há diversos implícitos. No entanto, a incidência de subentendidos é muito maior do que a de pressupostos, isso pôde ser constatado devido ao fato de termos analisado oito tiras em quadrinhos, e todas elas apresentarem subentendidos e apenas uma apresentar pressuposto (tira 03), o que nos faz pensar que isso seja uma tendência ou uma característica das tiras.

Ao longo da análise, percebemos que as tiras utilizam muito o subentendido com o intuito de levar o interlocutor a um raciocínio para que se chegue a uma conclusão, por isso, os enunciados das tiras são estratégias argumentativas. Logo, o locutor escolhe e organiza os argumentos de determinada forma com o objetivo de convencer e persuadir o interlocutor.

Tendo em vista que o entendimento desses implícitos é de suma importância para a compreensão da argumentação nas tiras analisadas, pensamos que a utilização, pelo professor, das tiras no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa seja importante. Isso pode ser feito por meio de estratégias didáticas criadas por ele, com o intuito de possibilitar ao aluno “enxergar” os implícitos presentes nas tiras; levá-lo a refletir sobre o contexto e a situação que a tira cria, e fazer com que esse aluno compreenda a linguagem que se quer estabelecer por trás do que está dito, ou seja, explícito na tira. Diante disso, acreditamos que o gênero **tira em quadrinhos** é um dos gêneros que devem ser utilizados e explorados nas aulas de Língua Portuguesa

Por fim, destacamos a necessidade de realização de futuras pesquisas para o aprofundamento acerca do assunto, principalmente, no que se refere ao trabalho com o as tiras em quadrinhos na sala de aula. A nosso ver, as tiras são dotadas de aspectos linguísticos que podem ser explorados no ensino da Língua Portuguesa, e o que fizemos neste artigo, pensamos ser apenas um deles.

V- Referências

- CEREJA, Willian. Roberto; MAGALHÃES, Thereza. Cochar. **Português: Linguagens**, 5º série. 4.ed. São Paulo: Atual, 2006. 240 p.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- _____. **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981.
- FERNANDES, Vânia Maria Bernardes Arruda (1997). **Pressuposição, argumentação, ideologia: análises de textos publicitários**. Campinas, SP: UNICAMP/IEL, tese de doutorado.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood et al. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974. 349 p. (Tradução de Myriam Freire Morau).
- HYMES, Dell. **Foundations in Sociolinguistics**. Filadélfia: University of Filadélfia Press, 1974. 246 p.
- KOCH, Ingedore. **Argumentação e Linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- MENDONÇA, Márcia. Rodrigues. Souza de. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: Angela Dionísio; Anna Raquel Machado; Maria Auxiliadora Bezerra. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, v., p. 194-207.
- RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRAVAGLIA, Luiz. Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 245 p.